

# INDEPENDENTE

Editor—João da Silva.

Redacção e administração—Rua de S. Thiago 14 e 16

Impressão—Typographia de Albano Pires, rua da Rainha, 120.

Condições d'assignatura

ANO, 1\$200; com estampilha 1\$500. Africa e Brazil, 3\$000 reis.

Publicações—Anúncios e communicados, por linha 40 reis, repetições 20 reis.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

GUIMARÃES, 12 DE JANEIRO DE 1902

## MOUSINHO

A tragica galeria dos grandes que voluntariamente se dão a morte, aborrecidos da incompreensão do vulgo, magoados pela hostilidade dos maus, augmentou-se agora de mais uma figura grandiosa, de mais um vulto proeminente que um instante, ha annos, ao sol quente da Africa, fez reviver todo o prestigio d'aquellas nossas glorias antigas, de ha muito passadas a vãs palavras de rethorica.

Dentro de um carro que desfilava pela estrada de Bemfica, Mousinho d'Albuquerque, que ha bem pouco ainda viramos n'esta cidade acompanhando S. A. o Príncipe Luiz Philippe, fechou a nobre carreira da sua existencia com um tiro de revolver na região parietal direita.

Não poderemos talvez dizer que a sua morte fosse como a sua vida uma gloriosa morte.

Mousinho, pelo muito que trabalhou pela honra e pelo brilho da sua terra, pelo muito que a patria lhe devia, pelo muito que a patria podia ainda esperar d'elle, não tinha certamente o direito de se suicidar.

Sahindo da vida particular, tinha entrado nos dominios da historia e a historia, áquelles que abraça, áquelles que carinhosamente acolhe em seu seio, impõe obrigações que é crime desrespeitar.

Mousinho, matando-se, defraudou a patria numa das suas mais legitimas e mais incontestaveis glorias.

Porem se é verdade, como cremos, que os suicidios não existem, se é verdade que todo o homem que voluntariamente se mata é sempre assassinado pela Fortuna adversa, pela intriga mesquinha, pela estúpida ambição dos outros, ou pela inveja cruel dos infimos que todo o sol claro incommoda, então que a sua alma nobre e de alevantado esforço descance em paz e que a sua luminosa memoria permaneça sempre clara e sempre viva emquanto em peitos humanos

houver um vislumbre de gratidão...

O «Independente», prompto sempre a reconhecer os verdadeiros meritos, devia ao grande morto, estas palavras n'este logar.

## CHRONICA

Uma das nossas desgraças é a desmoralisação e a ignorancia das classes média e superior.

E' raro encontrar-se um burguez ou um aristocrata honesto e instruido.

Aquelle afferrado ao cambio e ao —Noticias—; este tratando de cavallos e caçadas, e ambos, ao mesmo tempo, de mulhières, eis o que vemos, sempre que procuramos investigar o modo-de-vida particular e publico dessas duas classes. A terceira,—o povo,— não está tam rebaixada porque, quando mais não seja, não tem tempo para ser bandalha. Dessas duas classes sae ainda uma outra, parasita exclusivamente, que vive encostada ás parêdes, dizendo mal do Honesto e do Bom e do Justo e elogiando o Patife e o Imbecil.

E esta, então, (suprema força!) julga-se ser a classe illustrada, a classe que tem opinião, que tem péso. Limitando os seus conhecimentos litterários ao *Raspão* do *Noticias* ou a um folhetim do *Janeiro*, a um romance de Richebourg ou Campos Junior ou do volume de versos eroticos do Bocage; limitando os seus conhecimentos artisticos ás páginas do —*Pimpão*— e aos painéis do *Grande e horrível crime* que se mostra pelas feiras ou ao Hymno da Carta ou *Chegou chego*; limitando os seus conhecimentos de civilisação a trazer uma bôta bem feita e o cabêllo bem apartado; limitando os seus conhecimentos sobre civilidade a saber dizer a uma senliôra:—*como está V. Ex.ª?*—*bom, obrigado*—; enfim e resumindo, limitando os seus conhecimentos litterários, artisticos, de civilisação e educação a meia duzia de asneiras e de ridicularias, essa série de idiotas pretende impôr a sua

autoridade e o seu critério e a sua vontade e o seu réles gosto a toda a gente, querendo, portanto, aniquilar e subjugar pela calunnia todo o homem sincero que, altivamente, despreza preconceitos, que, juntamente com uma gargalhada (às vezes bem amarga, é verdade), faz descer qualquer ridiculo do pedestal em que a Ignorancia, e a Sabujice, o collocaram.

Mas são tão covardes os individuos que formam esta *claque* irrisoria e nojenta que só calunniam, só diffamam, quando unidos, quando confiam na força do braço para um desfôrço de carreção.

E é, porisso, vulgar vêr-se um desses *amigos*, agora estender-nos

a mão sorridente, mostrar interêsse pela nossa saude, e pela nôssa felicidade e, logo, quando junto aos seus collégas, quando mergulhado no anonymato da collectividade e na irresponsabilidade de multidão, pretender ferirmos com algum dito, pretender ridicularisar-nos com algum sorriso alarve.

Não precisamos de andar muito para termos a prova do que digo.

Cheguemos alli á Porta-da-Villa e verêmos. Corta-se na honra d'um homem ou d'uma mulher com a mesma sencerinônia com que se lança um escarro ao meio da rua. Definem-se as intelligencias com a mesma facilidade com que se diz se um cevado é gôrdo ou magro. Não passa ninguem no Toural que não leve o epitheto de burro ou de patife. E' uma desgraça, em summa.

Ora estando n'este estado as duas classes superiores, como querem que a inferior seja puramente honesta, que não tenha alguns defeitos?

A classe inferior ôlha sempre para a que lhe fica acima, vê-a praticar erros, não está educada, pratica-os tambem. E aciso não tem razão? tem e muita razão: elladiz:—aquelles que são instruidos (!) fazem isto e aquillo, é porque não é tão grande mal como se julga; façamos nós tambem assim.—

Barguezes e aristocratas! quereis o mundo honesto, santo, puro?

Moderai-vos na vossa bandalheira, na vossa estupidez e no vosso cynismo revoltante. Sêde vós honestos, vós que sois quem manda, que os mandados o serão tambem. Ou, então, deixai de governar, não vos chameis a classe pensante e instruida. Que o povo com toda a sua ingenuidade, saberá, ao menos, manter a Justiça e proclamar a Verdade e dar victoria ao Direito.

Guimarães, 4 de Janeiro de 1902.

Promethous.

## CAMARA MUNICIPAL

Sessão de 2 de janeiro de 1902

Aos 2 dias do mez de janeiro do anno de 1902, n'esta cidade de Guimarães, nos Paços do Concelho, ás 11 horas da manhã, achando-se reunidos os srs. vereadores eleitos, e tomando a presidencia o sr. dr. Antonio Vieira d'Andrade, presidente da camara cessante, procedeu-se á chamada, verificando-se estarem presentes os srs. Conego Alberto da Silva Vasconcellos, Alvaro da Costa Guimarães, Antonio de Freitas Ribeiro, dr. Antonio Marques da Silva Lopes, An-

tonio da Silva Carvalho Salgado, dr. Armindo de Freitas Ribeiro de Faria, Domingos Ribeiro Martins da Costa, abbade João Gomes d'Oliveira Guimarães e dr. Joaquim José de Meira.

Em seguida o sr. presidente convidou os srs. vereadores eleitos a prestar o juramento de fidelidade ao Rei e de obediencia á Carta Constitucional, dos actos addicionaes e ás leis do reino, juramento que cada um prestou sobre o livro dos Santos Evangelhos.

Findo este acto, tomou a presidencia o vereador mais velho sr. abbade João Gomes d'Oliveira Guimarães, o qual annunciando que ia proceder-se por escrutinio secreto á eleição de presidente e de vice-presidente, como determina o artigo 16.º do Codigo Administrativo, convidou os srs. vereadores a formularem as suas listas. Decorrido pouco tempo, procedeu-se á votação, e, feita a contagem, verificou-se terem entrado na urna nove listas. E procedendo-se com as formalidades legais á sua leitura, verificou-se terem sido votados os seguintes srs.: para presidente o sr. dr. Joaquim José de Meira com oito votos e para vice-presidente o sr. Conego Alberto da Silva Vasconcellos com oito votos, obtendo tambem um voto para presidente o dito sr. Conego Alberto da Silva Vasconcellos, e um voto para vice-presidente o sr. dr. Armindo de Freitas Ribeiro de Faria.

Em vista d'esta votação foram proclamados: presidente o sr. dr. Joaquim José de Meira, e vice-presidente o sr. Conego Alberto da Silva Vasconcellos.

Assumindo a presidencia o sr. presidente eleito pela camara, disse agradecer a todos os seus collegas na vereação a prova de consideração com que acabava de ser distinguido, e que para corresponder como lhe cumpria a essa distincção, empregaria os seus maiores esforços no sentido de desempenhar-se o mais correctamente possivel do encargo que acabava de lhe ser commettido.

Em seguida disse que n'esta sessão deveria a camara fixar o dia e hora das suas sessões ordinarias, dividir, se as-

sim o julgasse conveniente pelos srs. vereadores a inspecção dos serviços mais importantes do municipio, e por ultimo eleger trez delegados effectivos e trez substitutos para a eleição da commissão districtal nos termos do artigo 234.º do Codigo Administrativo.

Sobre a primeira parte resolveu-se unanimemente por proposta do sr. presidente que as sessões ordinarias da camara se realisassem ás quartas-feiras, pelas 11 e meia horas da manhã, respeitandose assim o uso desde ha muito estabelecido.

Sobre a divisão dos serviços d'inspecção apresentou o mesmo sr. presidente uma proposta de distribuição, que submetteu á discussão da camara.

Sendo pedida a palavra pelo sr. vereador dr. Antonio Marques da Silva Lopes, foi por elle dito que em seu nome e no dos srs. vereadores abbade João Gomes d'Oliveira Guimarães e Antonio de Freitas Ribeiro, concordavam com a divisão proposta, menos na parte que lhes dizia respeito, pois que nas circumstancias especiaes, em que se encontravam fazendo parte d'esta vereação, não podiam acceitar os pelouros, ou como melhor dever chamar-se-lhes, que lhes eram incumbidos.

Que a camara, porém, podia contar com o seu apoio e cooperação, decididas e incondicionaes, e sempre que forem observadas as boas normas de administração, que resumidamente expoz, e que sinceramente esperava fossem observadas attentas as reconhecidas qualidades de intelligencia e character dos nobres presidente e vice-presidente e demais vereadores seus collegas.

O sr. presidente respondeu dizendo que comprehendia e respeitava os melindres d'elle e dos seus collegas, e que se congratulava com as affirmações que acabava de formular, pois que ellas lhe davam a certeza de que todos os membros da camara se haviam de entender perfeitamente no plano d'administração municipal, que o sr. dr. Marques tinha definido pela arrecadação exacta das receitas municipaes e a sua rigorosa applicação ás

mais justas e instantes necessidades publicas.

Accrescentou que esta orientação no modo de gerir os interesses municipaes era a de todos os homens sensatos, briosos e dignos, e que portanto havia de ser a norma de proceder não só da minoria como da maioria da camara em que se contavam cavalleiros cujas qualidades de caracter eram bem conhecidas e experimentadas.

Sendo-lhe portanto extremamente agradável ouvir o que affirmou o sr. dr. Marques, podia desde já affirmar sem receio e com a mais intima convicção que a camara que actualmente occupava as cadeiras municipaes havia de sair d'estes lugares, quando lhe chegasse a sua vez, tão limpa como para ali tinha entrado.

Em seguida o sr. conego Vasconcellos agradeceu a sua eleição para a vice-presidencia da camara, e propoz que á lista dos pelouros se addicionasse mais um—o de hygiene, cuja necessidade todos os dias se affirmava, e ainda ultimamente mais pelo decreto que organisava esses serviços, devendo ser esse pelouro commettido ao sr. presidente, que melhor e mais competentemente d'elle poderia desempenharse.

O sr. presidente aceitou a indicação do sr. conego Vasconcellos, dizendo que lhe parecia bem essa criação addicionando-se-lhe mais o dos incendios, pois que tendo já por diversas vezes pensado sobre este assumpto, havia concebido a idea de que alguma couza de vantajoso se podia conseguir n'esta materia, accordando-se a camara com a briosa corporação dos bombeiros voluntarios.

Em seguida foi approvada a proposta da distribuição feita pelo sr. presidente e additada pelo sr. conego Vasconcellos, com as modificações determinadas pelas declarações do sr. dr. Marques, ficando portanto a distribuição do modo seguinte:

Incendios e hygiene—o sr. dr. Joaquim José de Meira; Fazenda, instrucção, aguas e illuminação—o sr. conego Alberto da Silva Vasconcellos; Matadouros, mercado, carros, congruas e serviços parochiaes—o sr. Alvaro da Costa Guimarães;

Obras e viação, expostos, cemiterio, baldios, jardins e arvoredos—o sr. Domingos Ribeiro Martins da Costa;

Vizella—o sr. dr. Arminado de Freitas Ribeiro de Faria;

Taipas—o sr. Antonio da Silva Carvalho Salgado.

Em seguida procedeu-se com as formalidades legaes á eleição dos delegados effectivos e substitutos para a eleição da commissão districtal, a qual deu o seguinte resultado:

**Effectivos:** dr. Geraldo José Coelho Guimarães, ab-

bade João Candido da Silva e José Joaquim Ferreira Monteiro.

**Substitutos:** dr. Alberto d'Oliveira Lobo, Eduardo Manoel d'Almeida e Francisco Ribeiro Martins da Costa.

Tanto os effectivos como os substitutos obtiveram cada um seis votos, apparecendo trez listras brancas.

Antes de encerrada a sessão o sr. abade de Tagilde propoz que se enviasse um telegramma aos srs. Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Guerra, pedindo-lhes a conservação n'esta cidade do districto do recrutamento e reserva. Foi unanimemente approvado.

E por não haver mais que deliberar foi levantada a sessão.

## RIMANCE

### A' minha Amada

Linda fada, linda virgem,  
Linda Loira d'encantar  
Que eu tive a sina infeliz  
De xa minha Vida achar,  
Ouve agora o triste conto  
Que eu Loira te vou contar.  
E' conto cheyo de magoas,  
E' conto que faz chorar;  
Entra n'elle uma Princeza  
Que tem olhos de Luar;  
E um doido que leva a Vida  
A soffrer e a gritar...  
Vinde ouvi-l'o estrellas-loiras!  
Vinde ouvi-l'o ondas-do-Mar!  
Calai-vos magoas do Vento!  
Pombas, deixai de vour!  
Não hão-de haver olhos-puros  
Que deixem de se molhar...  
Não hão-de haver labios-lindos  
Que deixem de soluçar:  
—Nascen um dia um menino  
N'um Palacio á beira-mar;  
Era de noite! e phantasmas  
Andavam a vaguear...  
E sete fadas vieram  
Todas sete p'ra o fadar,  
Todas sete o ensinaram  
A ser Triste e a chorar;  
Todas ellas o fadaram  
P'ra ser Doido e p'ra sonhar!...  
Um dia, (que triste dia!)  
Vio-se obrigado a deixar  
Sua mãe que tanto amava  
Que vivia p'ra o amar!  
Chamava por ella sempre,  
Na esperança de o encontrar;  
Mas a sua voz exangue  
Ay! perdia-se no Ar;  
E ouvia ao longe apenas  
Os Echos a gargulhar...  
Fugia das mais crianças  
E não queria brincar;  
Passaram-se annos e annos  
Sem mais a mãe encontrar,  
Mas sempre os olhos inquietos  
Com vontade de chorar;  
Tam novo já achava a Vida  
Uma noite sem luar;  
A todos deitava a culpa  
Da mãe desencaminhar...  
A's vezes, por alta-noite,  
Despertava do sonhar  
E desatava no escuro  
Por sua mãe a chamar;  
N'uma noite vio-a em sonhos  
N'um Cemiterio andar;  
Andava á procura d'elle  
P'ra o seu Destino lhe dar;  
E vai ella diz-lhe assim:  
«Filho has-de sempre chorar;  
«Has-de ser sempre infeliz,  
«Has-de uma Princeza amar,  
«Has-de construir Castellos,  
«Palacios altos no Ar  
«E tudo has-de vêr meu Filho  
«Ante ti desmoronar...  
«Não te hão-de servir riquezas:  
«Não as suberás gosar...

«Onde supposes carinho  
«Has-de ter o mal estar!  
«Bem sey que ainda mais tarde  
«Tu m'has-de amaldiçoar;  
«Mas eu sempre que puder  
«Virey p'ra te aconselhar,  
«Tem a teu pae muito amor  
«Que elle muito te ha-de amar  
«Porque em breve, muito breve,  
«Elle irá a sepultar...  
«E agora, Adeus, ó meu filho  
«Não me posso demorar.»  
Nunca mais a pôde vêr,  
Jamais a pôde escutar...  
Fallou sempre em sua vida!  
(Ay! quanto tem de falhar!)  
Pouco depois, assistio  
Do pae no agonisar,  
Foi horrorosa essa hora  
Em que o vieram buscar...  
La branco, muito branco,  
Mais branco do que o Luar,  
Levava os olhos pisados  
De tanto o filho chorar;  
Nem sequer teve no fim  
Força p'ra o abençoar,  
Os seus labios moribundos  
Mal o puderam beijar!...  
Depois!... tem sido uma Noite  
Sem Horas p'ra descansar,  
Arrasta-se desgraçado  
Sem alguém p'ra o ajudar!...  
Até que um dia (oh desgraça!)  
A Sorte fê-lo topar  
Uma Princeza formosa,  
Uma Fada d'encantar...  
Ella tem cabellos d'oiro,  
Tem faces cor do Luar,  
Os seus olhos são azues,  
Eguas ás ondas do Mar!  
Ficou Doido ao encontrá-l'a  
E sem voz p'ra lhe fallar...  
Cria alli mesmo adorá-l'a:  
Não se pôde ajoelhar;  
Apenas seus tristes olhos  
Se pozeram a chorar;  
E ella passou serena  
E sem a'elle reparar,  
E sempre... sempre, até hoje  
Sempre, a passar... a passar!...

Sabes quem é a Princeza  
Que não soube o Doido amar?  
E sabes quem é o Doido  
Que se pôde enfeitigar?  
A Princeza, és tu ó Fada  
D'olhos-lindos-côr-do-mar,  
E o Doido sou eu, que o conto  
Acabo de te contar!

Coimbra, 5—VI—901.

Alfredo Pimenta.

## EDUARDO D'ALMEIDA

Porque fosse impossível inserir no ultimo numero esta carta do nosso amigo e distincto collaborador Eduardo d'Almeida Junior, vae ella agora.

Perdeu talvez alguma coisa da sua oportunidade, dirigindo-se aos academicos vimaranenses em repouso.

As ferias já lá vão; mas os nossos patricios lendo em Coimbra a deliciosa epistola, podem talvez, por um phenomeno de suggestão, imaginar-se ainda na terra, alegres e contentes livres da sebenta, dos juroes do Favas e dos bifos do Feio.

Leiam-na todos e, se teem um coração, arredando para longe as invejasas insinuações do sr. Theophilo, concorram, na medida de suas forças, para a modesta homenagem que se projecta á memoria d'aquelle que foi em Portugal o maior poeta depois de Camões.

Senhores, é para Anthero de Quental, é para o lyrico da *Be-*

*trice*, é para o pelejador das *Odes modernas*.

## CARTA ABERTA

Aos vimaranenses que frequentam a Universidade de Coimbra

Conterraneos:

De caso pensado escolhi eu o descanso e desprendimento das ferias para vos fallar d'aquelle que foi em vida, que passou num lampejo de magua, um heroe na arte e um sancto na humanidade.

O Natal é a festa do nosso lar, a festa que nos recorda o perpassar suave da nossa infancia, o desabrochar perenne de esperanças da nossa mocidade, que nos arrouba, em sonhos de oiros, futuro em fóra, a construir novos lares de amor, onde se incinerem as reliquias do preterito num clarão purpurino, que desperte em riso a velhice morbida e caturrenta.

Foi nesse lar, que hoje crepita alegre, onde nós fizemos a nossa aprendizagem—nossa mai ensinando-nos este sentimento, que nos irmana com a desgraça, nosso pai incutiudo nos respeito pelos grandes martyres da historia, pelos valorosos heroes da humanidade.

Pois, sentimento, martyrio e heroicidade encontram no grande vulto de Anthero de Quental a realização modelar, que se impoe, subjuga e prende numa idolatria triste, que é como o canto de degenerescencia da nossa bella raça—de amor, de sol, de oiros e de angustia.

Anthero de Quental tem do passado a nobresa do seu nome, do presente a angustia da sua vida e luta pelo futuro numa grande revolução intellectiva, que é toda a sua philosophia de amor e de verdade.

Vou fallar-vos de Anthero de Quental, pois, se é verdade que me desajuda o merito e a competencia, cumpro um dever de portuguez e descarrego do peso dum crime a minha alma de moço e de academico.

Fallando-vos, porém, de Anthero de Quental eu desejo tam somente recordar-vos o seu nome, que em si é já a epopeia de um genio, porque a sua grande figura artistica e moral está perfeitamente modelada nos artigos de Theophilo Braga, Eça de Queiroz, Souza Martins, Oliveira Martins, Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Alberto Sampaio e muitos outros.

Anthero de Quental é o poeta maior do seu tempo e um dos maiores da arte nacional. Genio ardente e profundo, alma cheia de brilho e força, organização distincta de poeta, homem a valer, de uma figura accentuadamente caracteristica, fronte curta e larga, uma meada de barbas loiras, o poeta soube crear uma obra immorredora, que emociona, o homem creou uma individualidade, que se venera.

E venera-se Anthero como homem porque foi puro, porque foi leal, porque foi amigo—porque foi sancto.

De uma eloquencia facil e agradável, de um conselho recto, cercava-o a amizade de muitos e era ao Anthero que se recorria em caso momentoso ou complicado para resolver um problema, para orientação dum pleito, para critica dum alvedrio.

Leia-se o «In Memorium» e ver-se-ha que cada um dos que ali depoz uma coroa recorda, em aberta saudade, a convivencia e a intimidade com o poeta.

Se tarde quizesse completar os seus estudos sobre arte, tam belamente iniciados numa das suas melhores obras, se analysasse um pouco a *alma artista*, tarde encon-

traria em Anthero um modelo raro, vivo e inconfundivel.

Não foi não o estudo de explicar pela nosographia de Anthero as phases da sua vida litteraria, que, se é um caso curioso de pathologia, tem todo o valor na critica da sua grande alma de tanta bondade e de tanto idealismo.

Sam duas essas phases differencias, que se notam na obra de Anthero—a da mocidade ardente e revolucionaria, e a da philosophia profunda, da poesia modelar. E, se a primeira tem para nós, que somos moços e academicos de Coimbra, o encanto duma alma ideal, que sonha e chora, que quer vogar para um Alem todo oiros e rosa, que cumpre o fado triste da vida, carpinio maguas, soltando end-ixas, que se revoluciona contra os dogmaticos da arte e contra os pedantes do estylo apenoad e declamatorio, a segunda esmáya pelo bem feito da forma, pelo bem pensado do conceito. E na segunda parte da sua obra que Anthero de Quental se immortalis, se deifica, arrastando os bohemios da dôr á communhão sagrada da Ideia.

Mas toda essa obra, que é pequena, apresenta dois caracteres singulares—uma melancholia sentida, que nos arranca lagrimas, as variantes da sua alma ora serena e meiga como um olhar de mulher amante, ora encapellada e brusca como um hyrno de guerra ou como a lenda de um tyranno.

Anthero alem de ser o poeta maior do seu tempo e o que mais sentiu, foi, sem duvida, o academico mais academico, que Coimbra tem tido ha seculos, o que mais o soube ser contra a bestialidade aperaltada dos mandatarios, contra a imbecillidade ingenua dos condiscipulos e contra os que, systematicamente, arvoravam em principio de que lá não havia poetas mas sim moços estudantes.

Para os de fóra a tricana e a sebenta, para elles a ideia e a revolução.

E' por isso que a vida de Anthero está intimamente ligada a essa Coimbra árida e sem graça, por onde vai decorrendo, num pendor de sacrificio, á parte melhor da nossa vida e onde vam ficando, como folhas seccas, os retalhos melhores da nossa alma.

E' por isso que se pode affirmar que Coimbra deve venerar Anthero, deve estimá-lo, porque foi Coimbra a patria do seu estro.

A maior parte das suas poesias foram ahí compostas, principalmente as que estão na primeira parte da sua obra—«Primaveras Romanticas», «Odes Modernas» e so seus valiosos escriptos em prosa «Defesa da Carta Encyclica de sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião Liberal», «Bom senso e bom gosto».

A sua obra prima, a obra de Anthero «Os sonetos completos» tem alguns sonetos, já publicados nas obras citadas com mais ou menos transformações.

Ler a obra de Anthero é ler a Biblia de uma alma, estudar a sua vida é admirar a complexão de um santo ou de um homem raro.

O genio de Anthero, estou com Oliveira Martins, não é assombro, é o sim o uso que delle soube fazer.

Ahi a sua maior gloria.

Vai já longa esta carta—vou terminar—não dizendo ao que vim.

Saia eu, uma manhã, das aulas e entregaram-me, na Via-Latina, um manifesto, que, a principio, julguei mais algum arranco de parvoice, como a academia este anno teve tantos, numa fertilidade... barata.

Não. Lopes Vieira, o poeta dirigia-se aos academicos, de uma forma digna, lembrando um dever. Se no berço natal de Anthero se

trabalhava em erigir-se-lhe uma estatua, a academia ficara obrigada a levantar-lhe em Coimbra, berço da sua arte, um busto.

Alguns leram e amarrotaram o papel como quem despresia a conta d'um alfayate, outros riram-se puzendo as bolsas exgotadas.

Revoltou-me aquillo. Confiado nos vossos bríos e na vossa comprehensão, seguro no cumprimento de um dever contra as imbecilidades desses critiqueros de chapéu de cêco e luvas amarellas, que passam a vida a dizer mal dos outros, eu venho leudrar-vos quanta justiça ha no appello de Lopes Vieira.

A academia de Coimbra tem uma divida em aberto a Anthero de Qental, á parte vimaranense dessa academia compete portar-se dignamente no solvimento dessa divida, que é querida. E embora o não resem os tratadistas economicos, é certo que em ferias poderemos, sem grande custo no nosso equilibrio financeiro, guardar um peculio, na conformidade dos nossos recursos, para a ajuda de tam captivante alvitre.

Eu já disse algures: «Deram-se hem, incontestavelmente, neste canto ameno do Minho—A lyra jovial do diogenes poetico—Antonio Lobo de Carvalho, a imaginação reformadora do Plauto-Gil Vicente, o estro vibrante, unguido da graça napolitana, do Trovador—Manoel Gonçalves! Ha na historia vimaranense, trez nomes que nos encurtam de amor, trez nomes que, unidos, sam uma lenda de graça, separados estrellas, que tremelusem seductoras—D. Anna Amelia Moreira de Sá, a Viscondessa de Balsemão: D. Catharina de Lencastre e Joanna Michaela...

E' em nome, pois, dessas honradas tradições artisticas da nossa terra que eu venho, modesto, lembrar-vos Anthero de Qental.

Guimarães—26—12—901.

Eduardo d'Almeida Junior.

CANTIGA POPULAR

Vou-me embora com tristeza  
Com tristeza sempre vou;  
Que ninguem tem a certeza  
De voltar ao que deixou.

Parabens

Desde hoje a 19 do corrente fazem annos as ex.<sup>mas</sup> srs.:

- Dia 12—D. Maria d'Oliveira Pereira.
- » 13—D. Maria Adelaide de Lemos Motta.
- » »—D. Olivia de Vasconcellos Fernandes.
- » 14—D. Maria Albertina Pimenta de Carvalho.
- » »—D. Amelia Lucia Martins da Rocha.
- » 15—D. Anna de Jesus Flores.
- » 17—D. Alice Quintanilha.
- » 18—D. Rosa Adelaide Teixeira de Menezes.

e os ex.<sup>mas</sup> srs.

- Dia 14—João Amaral.
- » 16—Manoel Ferreira Ribeiro.
- » 17—Americo Annibal dos Santos Vasco Leão.
- » 18—Antonio Eduardo Alves de Noronha.
- » »—José Joaquim d'Oliveira.
- » 19—João Canuto d'Oliveira.

CORREIO DAS SALAS

Já se ausentaram para Coimbra, Lisboa e Porto os academicos nossos patricios que frequentam os diferentes estabelecimentos de instrucção, e tinham vindo passar as festas do Natal com suas familias.

Partiram para Coimbra no domingo passado os srs. drs. Francisco e Alvaro José da Silva Basto, lentes da Universidade de Coimbra.

Continua infelizmente doente o nosso presado assignante, sr. commandador Manoel José Teixeira, illustrado Prior da V. O. T. Dominica.

Estimamos as suas melhoras.

Tambem tem estado doente o nosso amigo sr. Antonio Francisco de Oliveira Guimarães, acreditado negociante d'esta praça.

Continua melhor mas ainda guarda o leito o sr. General Thomaz Julio da Costa Sequeira que ultimamente soffreu uma melindrosa operação, como já noticiamos.

Partiu para Villa Real o nosso estimado assignante sr. José Luiz de Pina, digno professor d'aquella capital de districto.

NOTICIARIO

NOVA CAMARA

Tomou posse no passado dia 2 d'este mez a nova Camara Municipal, que o Concelho de Guimarães elegeu para administrar os interesses dos seus habitantes no presente triennio.

Como se esperava, escolheram por unanimidade para seu presidente o sr. dr. Joaquim José de Meira—um dos filhos mais dilectos e um dos homens mais trabalhadores e intelligentes que a cidade de Guimarães conta no numero dos seus concidadãos.

Incapaz de um acto menos correcto e de se desviar do caminho do dever—é nossa convicção que o novo municipio ha-de saber subordinar todos os seus actos ás mais severas normas de moralidade e aos mais alevantados principios de progresso e economia municipal.

Se for esse o plano administrativo da actual vereação, não seremos nós que lhe regatearemos os mais encomiasticos louvores.

Organisação dos Serviços dos Officiaes de Justiça

A Bibliothca Popular de Legislação, com sede na rua das Salgadeiras, 48, 1.º, Lisboa, acaba de editar a nova Organisação dos Serviços dos Officiaes de Justiça, acompanhada da Carta de Lei de 11 de maio de 1896 sobre Propriedade Industrial e Commercial, sendo o seu preço 160 réis, franco de porte; e tem já no prelo o Regulamento Geral dos Serviços de Saude e Beneficencia Publica.

Dr. Alvaro Basto

Foi á ultima assignatura o decreto que promove a Lente Cathedratice da Faculdade de Philoſophia da Universidade de Coimbra, o nosso estimado patricio sr. dr. Alvaro Basto.

Parabens.

Dr. Leal Sampaio

De regresso da sua casa de Cabequod (Famalicão), já se encontra n'esta cidade o sr. dr. Antonio Vicente Leal Sampaio, distincto Delegado do Procurador Regio n'esta comarca.

AGRADECIMENTO

A redacção do «Independente» agradece penhorada a todos os seus collegas na imprensa as lisongeiſas e imerecidas referencias que fizeram ao numero especial d'este jornal.

Rua do Francisco Agra

A camara municipal d'esta cidade deliberou per unanimidade em sessão de quarta-feira ultima, dar o nome de «Rua do Francisco Agra», á «Rua de Santa Luzia», em homenagem aos relevantes serviços com que o saudoso morto sempre cooperou em todos os melhoramentos d'esta terra.

Muito bem.

Donativo importante

O nosso presado patricio sr. Manoel José de Faria Guimarães, juiz da Irmandade de S. Sebastião, (Dominicas), actualmente residente em Pindamunhangaba, (Estado de S. Paulo), mandou entregar ao sr. Antonio Pereira da Silva, estimado negociante d'esta praça a quantia de 60\$000 réis, que offereceu para a festa que aquella Irmandade effectua no dia 20 do corrente.

Jornaes

Recebemos e muito reconhecidos agradecemos a permuta dos seguintes collegas:

- «Diario de Noticias»—Lisboa.
- «O Arauto»—Lisboa.
- «Pimpão»—Lisboa.
- «Norte»—Porto.
- «Comercio de Guimarães»
- «Progresso»—Guimarães.
- «Jornal Saloio»—Cintra.
- «O Enigma»—Lisboa.
- «Diario de Lisboa».
- «Gil Braz»—Lisboa.
- «A Ilha Graciosa»—Açores.
- «Revista dos Jogos»—Lisboa.
- «Gazeta das Aldeias»—Porto.
- «Comercio da Feira»—Villa da Feira.
- «O Jornal de Braga».
- «A Defesa»—Pombal.
- «O Villacondense»—Villa do Conde.
- «O Lusitano»—Famalicão.
- «O Jornal de Fafe».
- «Echo de Fafe».
- «Semana de Felgueiras».
- «Jornal Horticola-Agricola»—Porto.
- «Folha do Sul»—Loulé.

«INDEPENDENTE»

Foi de 1:050 exemplares a tiragem do n.º especial do «Independente» publicado no dia 1.º de Janeiro d'este anno.

Feira de Santo Amaro

E' na proxima quarta-feira que se realisa na freguezia de S. Vicente de Mascotellos, a pouca distancia d'esta cidade aquella importantissima feira de gado vaccum, que costuma ser muito concorrida.

Ainda o sr. Leão

A origem d'esta questão em que nos travamos, reside n'uma informação calumniosa que s. s.ª bufou aos quatro cantos da terra pela sonora tuba do Noticias onde, como sabem, é seu costume assoprar de quando em quando lastimosas e lastimaveis correspondencias.

Dizia elle que o «Independente», triste entre os tristes, não tinha sequer tres leitores, nem dois, nem um.

—Que ninguem o lia, era a phrase simples e seguramente avancada.

Elle proprio, que referindo-se a um artigo parecera lê-lo, jamais o tinha feito, porque sempre com custoso embaraço o solettrara.

E porque nós sahissemos com breve referencia a tão despejada affirmativa, cahiu-nos em cima, como celha d'agua subitamente baldeada da janella á rua, uma carga de insultos desconchavadamente alinhavados.

De novo erguemos a voz já irritada com a sua civilidade a vintem o compendio, as suas insinuações de inveja e a sua soberba pose de amigo do dr. Affonso Costa: e eis que perante uma trepica mais tola e, se é possivel, incomparavelmente mais soez, temos de voltar á carga, com o remorso de havermos querido ensinar uma ignorancia tão massadora e tão rebelde a aprendizagens.

Isto como explicação a algum leitor que a misericordia do sr. Leão nos tenha deixado, porque a s. s.ª temos por hoje a diser-lhe o seguinte:

Que se o «Independente» apesar do titulo, se inclina para o partido do sr. conselheiro João Franco, é justamente porque n'essa phalange politica reconhece aquella independencia e honradez dos homens que enveredam pelo trilho da Justiça e da Verdade, não se importando nem com as suas agruras, nem com a falta d'uma compensação a sacrificios muitas vezes crucis.

Que é malevolencia a passar para os dominios da imbecilidade, pretender insinuar que o «Independente» quizesse impingir por inditas as composições que enchem a sua secção litteraria. Extrahil-as de volumes publicados é pratica usada por muitos jornaes com intuios de vulgarisação. Percebe?

Que nunca s. s.ª pode ter uma carta da redacção d'este jornal, porque não nos consta que a redacção lhe tenha escripto.

Que, dando de barato que tal carta existisse, ella nada provava e o que provava (não sabemos que dizer, para não escrevermos estupidez que é demasiado crú) é a sua carta escripta a uma redacção composta d'invejosos e a sua condescenden-

cia em ceder composições a um jornal que, na sua opinião, ninguem tem coragem de ler.

Mais lhe temos a dizer que se s. s.ª sente o ineffavel prazer do gato que apanha um rato, é porque no seu organismo se deu uma retrogradação que o atirou do seu nobre logar de Leão (Felix Leo), para o de gato (Felix Catus) muito mais modesto.

Mais lhe contamos ainda que o seu abuso do grifo e do typo de caixa alta, prova uma grande impossibilidade de frisar os seus pensamentos banaes, sem auxilio d'esses estratagemas typographicos.

Por fim vamos contar-lhe uma historia:

Diz o padre Bernardes, na Floresta, que em certos jogos de circo, deante do povo emocionado, um leão veio de manso e agitando a cauda lamber a mão do homem que lhe destinavam como pasto. Levado á presença do Cesar o homem que se chamava Androdo, contou que sendo escravo fugido em Africa e tendo-se acoitado a uma caverna vira, tranzido de medo, entrar aquelle leão de pata erguida, gemendo e lançando-lhe olhares de dolorida supplica. Cobrado animo com a imminecia do perigo, tomara-lhe a pata e achando n'ella um espinho fundamentalmente cravado, logo lh'ó tirára com pericia e, espremido o sangue podre, enrolára-lh'a n'uma tira rasgada da camisa. E por tal o leão, todo contente, lhe ficou eternamente reconhecido. Espantado o Cesar deu ordem para que, postos ambos em liberdade, fosse o leão entregue a Androdo e quando este seguia pelas ruas com o animal preso por a delgada trella, o povo applaudia-o e lançava-lhes flores.

O sr. Leão diz-se contente e eu quero crer que a sua alegria seja como a do conto porque, aparte o circo, a trella e as flores, o nosso caso parece-se com aquella historia.

O sr. Leão, ao sahir d'esta refrega, hade dever-nos o favor de vir curado da tolice que se lhe cravára no cerebro e muito o encomodava. Já vae melhor e por isso se alegre.

Doe, mas verá que é bom.

ANNUNCIOS

HOSPEDARIA

TRAZ DE S. PAIO

(ANTIGA DA ROSINHA)

ESTA popular e acreditada casa d'hospedes acaba de ser notavelmente melhorada, não só com relação aos seus confortaveis e hygienicos aposentos, como tambem ao esmerado e cuidadoso serviço culinario.

Para corresponder ao favor publico, a dona da hospedaria conseguiu adquirir as mais finas qualidades de vinhos verdes tanto tinto como branco, não só das melhores procedencias d'este concelho como de Basto, havendo nos baixos do predio uma loja adequada á prova e venda avulsa dos vinhos verdes e maduros sendo estes de excellenté qualidade, aos preços de 80, 120 e 160 réis de mistura com as saborosas beboras e figos do Douro. Uma delicia!

Tambem alli encontra o publico a excellenté Gerupiga do Douro e o magnifico polvo fescal, chegado ultimamente.

Seriedade e preços sem competeacia.

**BIBLIOTHECA  
MODERNO ESTYLO**

**Albums**—Album do Centenario da India, 118 gravuras, 1\$000 réis; Album do «Pimpão», 2 gravuras, 50 réis cada.

**Musicas com letra, para piano**—Ave Maria, 500 réis; O Fado do «Pimpão» 300 réis; Sobre o Mar, 300 réis.

**Livros, em prosa**—Aventuras do sr. Cevlogama, 200 gravuras, 200 réis; Comidas Leves, 500 réis; De Bom humor, 500 réis; Bocadinhos d'ouro, 500 réis; Cinematographo, 500 réis; Leituras em camisa, 500 réis; Quadros da vida intima, 500 réis; Memorias d'um espelho, 200 réis.

**Livros, em versa**—Noite de nupcias, 300 réis; O banho da noiva, 200 réis; Na cama, 200 réis; O relógio d'uma elegante, 200 réis; O livro das creanças, 500 réis; Panorama, 500 réis; Mulheres... mulheres!, 500 réis; Musas traquinas, 500 réis; Noites de inverno, 500 réis; Gaialices dos nossos avós, 400 réis; Cançonetes e monologos (5 volumes), 500 réis; Tentação de Santo Antonio, 20 réis.

**Quadros decorativos**—Santo Antonio de Lisboa 400 réis; O baile da Opera, (pendant do antecedente) 200 réis; Na clareira do bosque, 200 réis; O dre. o. 500 réis; A reconciliação (pendant do antecedente), 500 réis; Na rede, 1\$000 réis.

**Bilhetes postaes**—Postaes de boas festas, a colleção de 32 bilhetes com poesias expressamente escriptas pelos nossos melhores poetas, 300 réis; Postaes de Carnaval, a colleção de 12 bilhetes, 400 réis.

Colleções de 50 bilhetes postaes, ornados de surprehendedes e mimosissimas illustrações, em papel conché, 500 réis; Leda e o Cisne, 6 formosissimos postaes, impressos a cores, 400 réis.

Todos os livros acima annunciados são illustrados com grande profusão de magnificas gravuras, sendo muitos d'elles em papel conché, impressão de luxo, com reproduções de photographias artisticas, tiradas do natural. Remette-se qualquer das indicadas publicações para todos os pontos do paiz, incluindo Africa, a quem enviar a respectiva importancia em notas ou sellos, á *Bibliotheca Moderno Estylo*, rua Formosa, 150 a 160, Lisboa.

**A B C DO POVO  
PARA APRENDER A LER**

POR

Trindade Coelho

COM DESENHOS DE

Raphael Bordallo Pinheiro

Oitenta paginas luxuosamente illustradas

PREÇO DE CADA EXEMPLAR 50 RÉIS

PELO CORREIO 60 RÉIS

DESCONTOS PARA REVENDA

(Do Abc do Povo foram distribuidos de graça 10 mil exemplares)  
A' venda em todas as livrarias do paiz, ilhas e ultramar e na Casa editora  
*LIVRARIA ALLAUD—Rua do Ouro, 242, 1.º—LISBOA*

TERCEIRO ANNO 1902  
**ALMANACK BERTRAND**

Coordenado por *FERNANDES COSTA*

*Antiga Casa Bertrand*

*JOSÉ BASTOS (editor)*

LISBOA—73 Rua Garret, 75

PREÇO: Brochado . . . . . 500  
Cartonado . . . . . 600

DEPOSITO

MERCEARIA



DE  
POLVORA DO ESTADO

DE  
JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO  
17—Rua de S. Damaso—19  
Guimarães

N' este bem conhecido estabelecimento vende-se polvora do Estado dos seguintes preços: Latas P S F a 980 o kilo; pacote Principe P F a 640 o kilo; pacote P G a 560 o kilo; pacote F F a 440 o kilo; epolvora de minas M M a 330 réis cada kilo.

Tambem alli os seus numerosos freguezos encontrarão todos os generos pertencentes ao seu negocio de mercearia, assim como tambem: sementes de hortaliça de todas as qualidades chegadas ha pouco a esta casa.

VINHO TINTO CONFORTAVEL  
ENGARRAFADO  
Por  
Francisco José de Freitas  
Mercearia, confeitaria e papelaria  
Deposito da Companhia Vinicola  
Rua da Rainha, 28—GUIMARÃES

PARA 1902  
*Almanack Illustrado*  
Do «SEculo»—(6.º anno)  
Empresa do jornal «O SEculo» Rua Formosa—LISBOA  
Preço 120 réis Pelo correio, 140 réis

**TYPOGRAPHIA**

DE  
**Albano Pires de Sousa**

(ANTIGA SILVA CALDAS)

120—RUA DA RAINHA—122  
**GUIMARÃES**

Impressão de bilhetes de visita desde 200 réis o cento; circulares, facturas, mappas, memoranduns, acções, cheques, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho e repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS EM TODOS OS GENEROS, DESDE O MAIS PEQUENO AO MAIOR FORMATO  
Preços de todas as obras sem competencia  
CARIMBOS DE BORRACHA, METAL E MADEIRA